

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
11 e 23 de novembro de 2023

QUI SAIT? / 1999

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert / Direção de fotografia: Frédéric Labourasse (luz), Nicolas Philibert (enquadramento) / Som: Julien Cloquet, assistido por Olivier Grandjean / Chefe eletricitista: Olivier Régent / Montagem: Nicolas Philibert, Guy Lerorne / Música original: Philippe Hersant / Assistência de realização: Dominique Perrier / Com os alunos da 30.ª Turma da Escola de Teatro Nacional de Estrasburgo – Théâtre National de Strasbourg (l'École du TNS), Bérangère Allaux, Laure Bonnet, Damien Caille-Perret Eric Caruso, Franck Chevally, Delphine Chuillot Juan-Marcos Cocho, Benoît Delaunay, Arantxa Etcheverria, Emmanuel Faventines, Régis Laroche, Gaëlle Le Courtois Cécile Lena, Fany Mary, Mounia Raoui.

Direção de produção: Gisèle Courcoux / Produção delegada: Gilles Sandoz / Produção: Agat Films & Cie, La Sept ARTE (unité de programmes fiction Pierre Chevalier), Théâtre National de Strasbourg (direction Jean-Louis Martinelli) / Apoio: Centre National de la Cinématographie, Communauté Urbaine de Strasbourg, Conseil Régional d'Alsace / Cópia: ficheiro digital, cor, falado em francês e legendado eletronicamente em português (produzida a partir de digitalização do negativo 16mm, utilizando a ampliação de 35mm como cópia de referência) / Duração: 106 minutos / Primeira apresentação pública: canal ARTE, maio de 1999 / Estreia comercial francesa: setembro de 1999 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

A escola associada ao Théâtre National de Strasbourg (TNS) – atualmente conhecida como L'École Supérieure d'Art Dramatique de Strasbourg – é uma das escolas de teatro mais importantes em França e, desde meados dos anos 1990, começou a convidar realizadores a desenvolverem, com os seus alunos finalistas, projetos onde as fronteiras entre o teatro e o cinema se esbatem. Antes de Philibert ser convidado a realizar o que viria a ser este **Qui sait?**, já o TNS tinha chamado a colaborar a realizadora Pascale Ferran – por cá conhecida pela sua belíssima adaptação de **Lady Chatterley** (2006), com Marina Hands –, que com os alunos da 28.ª turma realizara **L'Age des possibles** (1995); e Cédric Kahn, que com os alunos das 29.ª turma assinara **Culpabilité zéro** (1996). Cada um destes filmes surgiu de uma articulação entre a escola do TNS, o canal de televisão ARTE e a produtora Agat Films, porém tanto o filme de Ferran como o de Kahn assumem-se enquanto ficções que se desmultiplicam em personagens jovens que se passeiam pelas ruas de Estrasburgo (protagonizadas pelos alunos das respetivas turmas), ao passo que o filme de Philibert parte de um outro entendimento do cinema totalmente aberto à construção coletiva e totalmente fechado ao mundo exterior (tudo, ou quase tudo, se passa num espaço completamente escuro que, a certa altura, uma das alunas explica ser uma antiga caserna militar onde passaram a ensaiar, em conseqüências das obras que se estão a fazer no edifício do teatro). **Qui sait?** não é tanto um filme feito sobre os alunos, é antes um filme feito com e – mais importante – para os alunos da escola do TNS.

Em **Qui sait?** encontram-se muitos dos temas e obsessões do cinema de Philibert: a comunidade fechada sobre si, o retrato do trabalho como construção da identidade, o poder transfigurador do teatro e a missão do ensino enquanto ferramenta de transformação social. De **Le Moindre des choses** (1996) até ao mais recente **Sur l'Adamant** (2023), o teatro é uma recorrência na obra do cineasta. E se, nesses dois casos, há uma dimensão terapêutica, no caso de **Qui sait?** o mundo do teatro cruza-se com as questões da pedagogia que, igualmente, reaparecem na filmografia de Philibert mais do que uma vez, mas de forma destacada em filmes como **Être et avoir** (2002), sobre

uma escola primária numa região rural de França, ou mais recentemente em **De chaque instant** (2018), sobre uma escola de enfermagem.

No entanto, se **Qui sait?** se integra perfeitamente no conjunto da obra do realizador, destaca-se de muitos outros documentários sobre instituições de ensino artístico. Ao contrário do que é habitual em filmes com essa temática, aqui não se propõe um retrato de um organismo complexo, cheio de ramificações e particularidades curiosas. **Quis sait?** é o retrato de uma turma, de um conjunto de jovens adultos que se descobrem enquanto unidade, enquanto grupo. No filme de Philibert não há, em momento algum, uma figura de autoridade – um professor, um mestre ou quem quer que seja que os oriente num ou noutro caminho. Há, apenas, uma ou outra intervenção do próprio realizador que, por de trás da câmara, lança uma pergunta fugaz com o simples intuito de nos integrar e contextualizar junto daquela mónada criativa. Assim, este é um filme sobre uma escola de teatro onde o ensino é entendido como um processo de descoberta onde só os próprios alunos podem participar – e ao qual nós, juntamente com Philibert, nos limitamos a assistir.

Atente-se, por exemplo, à longuíssima discussão – que o realizador introduz quando o filme já vai a mais de meio – entre os vários membros do grupo sobre a possibilidade/interesse de fazer um teatro sem personagens. Esse momento – talvez o único em que há de facto um conflito – transforma por fim os sucessivos exercícios de improvisação numa experiência autorreflexiva. “O que estamos aqui a fazer?” Perante essa dissensão (uns acreditam que se devem desenvolver personagens e que se deve escrever a peça; outros defendem que a estrutura se deve fundar numa acumulação de situações com pontos de partida definidos, mas abertos à descoberta), que talvez nem seja muito construtiva, Philibert apresenta a sua tese: **Qui sait?** não é tanto um filme sobre uma escola de teatro ou, sequer, sobre o ensino do teatro, é um filme sobre a descoberta comunitária do palco (cheia de contradições e divergências). E é justamente aí, quando a câmara testemunha essa descoberta, que o filme se ilumina. Isto porque, afinal, o breu daquele *décor* sem fundo nem mundo serve um e um só propósito, concentrar toda a atenção nos corpos e nos rostos vibrantes daqueles jovens. A beleza de **Qui sait?** encontra-se na disponibilidade com que a câmara de Philibert espera por uma troca de olhares, por um riso escondido, por uma reação enquanto contempla o jogo das improvisações. O realizador dá-lhes espaço e aguarda pacientemente. Eles retribuem-lhe a generosidade tanto mais quanto mais o ignoram e se lançam nos braços uns dos outros. Talvez esta seja a chave do método-Philibert.

Visto à luz do presente, quase vinte e cinco anos depois da sua estreia, **Qui sait?** surge enquanto uma improvável *sitcom*. Tanto a direção de fotografia (onde Philibert está sempre envolvido) como o guarda-roupa (que são as roupas do dia-a-dia dos estudantes) ecoam comédias televisivas como **Friends** ou comédias românticas como as de John Hughes (o cartaz de **Qui sait?** parece citar a famosa imagem promocional de **The Breakfast Club**). A concentração do espaço, a dimensão reduzida do elenco, a idade média a baixo dos 25 anos, as tensões e as paixões dentro do grupo, tudo isso são os ingredientes típicos desse género tão popular nos anos 1980 e 1990. Nicolas Philibert parece ter consciências disso e cria, propositadamente, um divertido *gag*, logo no início do filme, que se tornará, depois, um *running gag*, com a porta perra do estúdio – como quem diz, “custa a entrar neste mundo, mas também custa a sair” (piada que não está muito longe das entradas de Cosmo Kramer no apartamento de Jerry Seinfeld). O facto de que esta turma de jovens atores se tenha graduado em 1999, no auge de popularidade das *sitcoms*, espelha em grande medida a força do imaginário televisivo norte-americano, capaz de infetar os trejeitos, as reações e a mundividência de catorze jovens da Alsácia. Dentro de portas há um pequeno universo de fábula juvenil onde reina a festa e o prazer da criação, lá fora faz frio e, enquanto for possível, eles ficam por ali, resguardados do mundo. Não é também para isso que serve a escola?

Ricardo Vieira Lisboa